

LENDAS de SINTRA

(compilação de Manuel J. Gandra)

Sala das Pegas

Versão do *Portugal Pitoresco* (1847)

Sendo encontrado D. João I por sua esposa beijando uma das suas damas, porque o fazia por sincera amizade, e não por criminoso amor, respondeu à rainha agastada, que tinha sido por bem; e com esta legenda, que bem podemos assemelhar ao *Honi soit qui mal y pense* dos ingleses mandou edificar uma sala, cujo tecto é pintado de pegas, para que esta ave como faladora apregoasse a sua inocência, e a pureza injustamente manchada daquela donzela. Outros menos galantes e cuja opinião não seguimos, pretendem que tendo-se divulgado no paço esta aventura, e corrido de boca em boca entre as outras damas, El-Rei para os castigar mandou pintar esta sala com as ditas aves, como símbolo da sua loquacidade.

Versão do Príncipe Lichnowsky

Serve de casa de jantar a conhecida, e muitas vezes descrita sala das pegas. O tecto, e os frisos das paredes estão cheios de pegas pintadas, que têm no bico um bilhete em que se lêem as palavras "Por Bem", que equivalem de algum modo ao *honi soit qui mal y pense*. D. João I, mandou traçar esses ornatos singulares para eternizar as palavras com que ele respondeu a sua esposa quando esta o surpreendeu em flagrante delito, de dar um beijo a uma formosa dama do paço.

A Gruta da Fada

Versão publicada in *Cyntra* (n. 6, 1912)

Gruta formada por uma imensa rocha de granito, apoiada em dois rochedos que a flanqueiam. Diz a lenda que uma fada todas as noites, cerca da meia-noite, ali vai carpir o seu destino. A referida gruta fica na entrada da Pena, à esquerda de quem sobe, quase ao chegar ao portão principal do Parque da Pena.

A Tentação de Frei Honório (convento dos Capuchos)

Versão 1

Da curiosa Relação do Castelo da Serra de Sintra, transcrevemos o presente trecho que nos falta da tentação do diabo ao virtuoso Frei Honório: Saindo do convento de (Santa Cruz ou da Cortiça) para a parte de baixo do Carril, que vai dar ao penedo, em distância de tiro de espingarda, se venera uma cruz, que fez com o dedo em uma pedra tosca o venerável Frei Honório de Santa Maria, aparecendo-lhe o demónio para impedir e confessar uma pecadora, com a qual o fez desaparecer; e havendo vários incêndios na serra, assim que chegava o fogo a este lugar, se extinguia, ficando ileso desde a cruz até à cova da cerca onde habitava.

Versão 2

Um dos habitantes do convento de Santa Cruz ou dos Capuchos, foi Frei Honório, homem de muita fé e de grandes virtudes. Muito estimado e respeitado dos habitantes daquelas redondezas, ali viveu durante trinta anos, sofrendo dolorosa e resignada penitência. Seu corpo jaz na Igreja daquele curioso convento. Diz-se que certa vez, Frei Honório encontrou pelos campos uma linda rapariga, “para quem não olhou”, mas que o forçou a fazer alto. Exigia-lhe que a confessasse. O virtuoso monge, naquele ermo não tinha confessor, e sem querer fixar a pequena, mandou-a para o convento em procura de outro confessor. A bela da moçoila não se conformou com a resposta e insistiu ao mesmo tempo com o bom religioso. Rubro como um tomate, s suor em bica - isto passou-se em Agosto - apressou o passo, sempre seguido daquela que lhe pedia absolvição ou penitência, até que, voltando-se e tapando o rosto com uma das mãos para fugir à formosura que o diabo incarnara para o tentar e perder, com a outra fez o sinal da cruz, a que a endiabrada e tentadora, respondeu com um grito, fugindo para não mais ser vista.

Peninha

Versão de Francisco José de Almeida (*Guia de Portugal*)

Conta-se que em tempo de D. João III, andava por esta serra (de Sintra) uma rapariga muda, pastoreando um rebanho de ovelhas, das quais se extraviou uma, e procurando-a, foi encontrá-la sobre o rochedo, onde aparecendo-lhe a Nossa senhora, sob a forma de uma formosa menina, lhe deu fala.

Correu o povo ao sítio, e ali se encontrou uma imagem da Virgem, feita de pedra, a qual foi transportada para a ermida de S. Saturnino, que era perto dali.

Três vezes a imagem desapareceu da ermida e aparecia entre os penedos; e foi por isso que o povo se resolveu a construir ali uma pequena capela, que foi feita à custa de esmolas.

Corria o ano de 1673, e Pedro da Conceição resolveu edificar em lugar da capela uma igreja e um hospício. Demoliu-se portanto a antiga edificação, e construiu-se este pequeno templo que vê, todo à custa daquele devoto, que aqui gastou quase tudo quanto tinha, e quando acabou a obra fez-se aqui ermitão.

Versão 2

Num píncaro da serra se ergue a Ermida de Nossa Senhora da Peninha. Decorria exactamente o reinado de D. João III. Uma pastorinha muda, de Almoinhas Velhas, diariamente subia a serra para apascentar o seu rebanho. Foge-lhe uma ovelhinha branca, e, por isso, chora copiosamente, correndo montes e vales.

Mira os longes do alto enorme do rochedo, quando admirada fica de ver, a seus pés, a ovelhinha junto da Virgem.

Esta lhe dá o dom da fala, lhe seca as lágrimas e diz-lhe que se recolha a casa, e vá à arca buscar pão, pois devia estar com fome.

Responde a pequena pastora que pão não havia há ror de tempo, pois a cultura fora safara na produção.

Recolhendo ao humilde casebre, fala desenvoltamente à mãe e dirigi-se à arca, ali encontrando vários pães.

A família e a vizinhança, perante o milagre, ficam estupefactas, sobem à fraga do alto da serra, e dentro da gruta, meio entulhada, foram encontrar uma imagem de Nossa Senhora.

Trazem-na em procissão, para a Ermida de S. Saturnino, mas daqui desapareceu três vezes e outras tantas foi encontrada na mesma gruta da Serra.

Cotizam-se os aldeões, e erguem-lhe então uma rude ermida, depois substituída por outra de melhor traça, que constitui a capela-mor da igreja seiscentista que na Peninha foi levantada.

Versão 3

Conta-se que no reinado de D. João III havia no lugar de Almoinhos Velhos uma rapariga muda, guardadora de ovelhas e muito temente a Deus. Aconteceu que um dia se lhe desgarrou uma ovelha do rebanho e fugiu pela serra até ao alto do penhasco.

A rapariga aí a foi buscar, mas quando chegou lá acima, toda chorosa e fatigada, viu, com grande espanto seu, uma formosa menina, que ao entregar-lhe a ovelha, lhe disse:

-- Vai para casa e pede pão à tua mãe.

Ora como esse ano foi de grande fome pela seca e estiagem que houve, a rapariga atónita respondeu:

-- Não o há em casa nem na dos vizinhos.

A menina lhe retorquiu:

-- Abre a arca e lá encontrarás seis pães.

Foi para casa a pequena e contou a todos o que lhe acabara de acontecer, causando geral admiração aparecer com fala, admiração que subiu de ponto quando foram à arca e acharam seis pães.

Este milagre correu veloz por toda a povoação, a ponto de se efectuar uma romaria acima ao penhasco, não se encontrando a menina que havia aparecido à pastora, mas nas pesquisas foi encontrada entre os rochedos, oculta em uma lapa, a imagem da Virgem feita de pedra, que foi desde logo transportada para a ermida de S. Saturnino, mas desaparecida no dia seguinte, foram tornar a achá-la no rochedo, e isto se repetiu três vezes.

Conhecendo os devotos moradores que a vontade da Senhora era de ficar naquele sítio, fundou-se aí uma pequena ermida, que mais tarde, em 1673, caiu por ocasião de um tremor.

Anos depois, um devoto ermitão, Pedro da Conceição, empregou todos os seus haveres na construção de uma igreja, dedicado a Nossa Senhora da Peninha.

O templo é pequeno, mas rico de construção, pois tem as paredes cobertas de belos mármore de cores, e em mosaicos.

Ali viveu o frei Pedro da Conceição em uma gruta trinta e cinco anos. A sua sepultura, que está da parte de fora da igreja, tem este epitáfio melancólico como o sítio: Aqui jaz o Eremita de Nossa Senhora da Peninha, o irmão Pedro da Conceição. Pede um Padre-Nosso e uma Ave-Maria pelos benfeitores.

Seteais

Versão de João Diogo Correia
(*Notas Toponímicas*, in *Revista Portugal*, v. 23, 1958)

Sítio da Freguesia de S. Martinho.

Tem um palácio mandado construir nos fins do século XVIII pelo negociante holandês Gildmaester e depois vendido ao Marquês de Marialva, que o restaurou.

Conta a lenda que, na conhecida Quinta dos Seteais, em Sintra, esteve cativa e lá morreu, depois de muito penar, uma formosa princesa moura que, pouco antes de expirar, deu nada menos que sete ais muito sentidos e profundos. Da junção daquelas duas palavras - sete ais - nasceu, diz o povo da região, o nome do sítio - Seteais.

Por seu turno, a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira informa o seguinte:

“Da entrada, voltando-se o visitante para o palácio e vozeando alto, obtém um eco perfeito e curioso (a este eco se atribui o nome do sítio).

Seteais, com E depois do T, escreveu também Sousa Viterbo num artigo inserto na página 64 do volume 6º do *Arquivo Histórico de Portugal*, no qual chama ao local Quinta do Campo de Seteais.

O abade de Miragaia (*Tentativa Etimológico-Toponímica*, v. 2, p. 247) opina que Seteais é mera corrupção de CENTEAIS, etimologia que não me parece digna de aceitação.

No 2º volume *Dos Problemas da Linguagem* também o saudoso filósofo Cândido de Figueiredo se ocupou do caso, nos termos seguintes:

“Setial, provavelmente alteração de sedial, (de sede assento) significou dantes um banco de assento ornamentado, nas igrejas, era também o mesmo escabolo, e passou a designar qualquer pequena elevação de terreno, em que alguém se pode sentar como um banco.

Consequentemente, elevações de terreno, mais ou menos revestidas de verdura, eram setiais, nome comum próprio para designar um sítio nas cercarias de Sintra.”.

Temos, pois;

1º. - A lenda, que, por o ser, não pode influir no descobrimento da verdade;

2º. - O parecer do abade de Miragaia, que nos oferece para o étimo o centeio;

3º. - A hipótese de Cândido de Figueiredo, segundo a qual setial equivale a sedial, de sede, assento;

4º. - A opinião de Armando Cortesão, que filia a origem etimológica do vocábulo no espanhol sitial, de sítio.

Tenho para mim que se encontra num dos dois últimos números a verdade que se procura; eu, porém, hesito em me pronunciar por qualquer das propostas nelas contidas, ambas provindas de etimólogos honestos e competentes.

Montserrat

Numa colina isolada, a meio de estrada velha que vai de Sintra a Colares, e cerca de um quilómetro da Penha Verde, encontra-se o Palácio de Monserrate. À direita fica-lhe a Quinta do Cadaval. Ao cimo vê-se a montanha coberta de arvoredo.

Foi fundado perto do local onde havia uma antiga ermida com a invocação de Nossa Senhora de Monserrate.

Diz a tradição que nos tempos do domínio árabe morou naquele sítio, no alto da Penha, um moçárabe ou fidalgo cristão, que tinha grande predomínio com todas as famílias cristãs que habitavam a serra.

Esse moçárabe andava em rixa velha com o alcaide do castelo de Sintra, resultando dessa discórdia este vir desafiá-lo a duelo, o que se efectuou ficando estendido sem vida o moçárabe, que por toda aquela gente desde logo foi tido em conta de mártir, ao qual levantaram um túmulo e depois uma capelinha de oração.

Essa pequena ermida com o tempo ruiu, sendo em 1500 substituída por outra, edificada pelo padre Gaspar Preto, sob a invocação de Nossa Senhora de Monserrate, vindo de Roma a imagem da Virgem, feita de alabastro.

Parece que aquele sítio foi dado ao hospital de Todos os Santos em Lisboa, e depois aforado a Caetano de Mello e Castro, vice-rei da Índia, que mandou arrotear o terreno, nele fundando a Quinta chamada da Bela Vista.

Os Dois Irmãos

Versão de Félix Alves Pereira

A 22 de Abril de 1933, fui examinar este documento pela Segunda ou terceira vez; creio, porém, que a primeira depois que ele foi desviado da sua antiga situação. Actualmente está à margem da estrada e à esquerda de quem se dirigir a S. Pedro. Tem duas cabeceiras nas extremidades, ambas com o emblema da cruz voltado para os lados opostos; as cruces são iguais e reproduzem o tipo românico das cruces de sagração das igrejas românicas; na extremidade do monumento, do lado NNO (285°), existe ainda, sobre a campa, um pequeno pedestal circular com um ou dois degraus e a mecha central; o cruzeiro desapareceu. A tampa tem três faces e é sensivelmente rectangular; a face plana, que é a central, tem um relevo, ao longo, uma cruz esculpida com base e o emblema. O cruzeiro ficava do lado do NOO. De cabeceira a cabeceira mede por dentro, 1,70m: a cruz esculpida, com a sua base, 1,60m. As suas cabeceiras, pela face interna, são lisas, na externa está esculpida uma cruz em relevo: o seu diâmetro é 0,35 e espessura 0,20m. O pedestal do cruzeiro tem 0,40m e ficava do lado setentrional, portanto, do lado oposto à cruz esculpida na campa. É evidente que a forma da cruz esculpida é românica. Em 1930, foi aberto e reconstruído ao lado da estrada. Eu tinha-o visitado em 1927, creio eu, e fotografado. A campa era trifacetada e rectangular, com uma cruz gravada em relevo, semelhante às que ainda se vêem em degraus e noutros pontos na Igreja de Santa Maria. [...].

A rótula, como as duas antecedentes, foi encontrada também no arquivo do Instituto de Sintra.

A denominação Túmulo dos Dois Irmãos tem origem na lenda seguinte:

Dois irmãos enamoraram-se, sem o saberem, da mesma mulher. Uma noite um deles encontra o rival debaixo do balcão da que supunha fiel ao amor jurado e matou-o. No dia seguinte verificou que o assassinado era o seu irmão querido. Com o mesmo ferro homicida acabou com a vida, sobre o cadáver daquele que tanto estimava.

A história é romanesca e repete-se noutros locais. Depois a abertura do túmulo, feita em 7 de Abril de 1830 por ordem de D. Miguel que quis assistir ao acto, mostrou existir ali um único esqueleto.

“O Moymêto e Cruz” respectiva do Ramalhão, - (*Antigualha das Cercanias de Sintra - Panorama*, v. 6, p. 359, Lisboa, 1842) - como se vê numa antiga litografia existente no incipiente Museu de Sintra, foram construídas no Cemitério dos Lázarus desta localidade, conforme garante documento existente nos acordos da Misericórdia de Sintra (livro 7, 11.96), estudados por Braamcamp Freire.

Porque D. Luís Coutinho sofreu de lepra e se tratou nos banhos de Santa Eufémia da Serra, supôs-se já que o túmulo lhe pertencia. Braamcamp Freire aduz, no entanto, razões que levam a não aceitar a hipótese sem reservas. Este investigador encontrou documento referente ao túmulo em questão mas que data mais de 30 anos depois da morte de D. Luís Coutinho. O facto não invalida em absoluto a hipótese mas mister se torna encontrar prova decisiva. D. Luís Coutinho foi Bispo de Viseu em 1438 e transferido para Coimbra em 1444. Esteve em Roma em 1451 a acompanhar a Infanta D. Leonor, que então se casava com o Imperador Francisco III.

O Abade de Castro diz que ele foi Arcebispo de Lisboa, em 1452. Braamcamp Freire informa não Ter encontrado documento algum a garantir a afirmação e lastima que o Abade de Castro não haja mencionado o que lhe serviu para a afirmativa.

Tudo é mistério no Túmulo dos Dois Irmãos.

Do manuscrito citado por Braamcamp Freire parece depreender-se que a cruz alçada sobre o monumento em questão não deve ser da primitiva, mas acrescenta que a piedade a impusera. Nele se diz que, em 1 de Julho de 1673, a Misericórdia de Sintra mandou “pôr uña cruz de pedra na sepultura dos Lázarus e já esta Santa Casa a tinha mandado pôr a que furtarão e se pôs no ano de 1598 - mil quinhentos e noventa e oito - Anos” e despendeu nela “mil e quinhentos reis”.

Versão do Visconde de Jerumenha (*Cintra Pinturesca*)

É conhecida esta sepultura pela denominação de Sepultura de Dois Irmãos, nome que já tinha no século XV, como consta de um instrumento daquela época.

Dizem os naturais que, o que dera origem a esta denominação fora a tradição que entre eles corre antiga de pais e filhos que passo a descrever como a ouvi a um velho de noventa anos todo inebriado da sua veracidade:

Dois irmãos traziam amores por uma donzela que por aqueles sítios habitava, ignorando ambos os amores um do outro. Acontecendo por uma triste fatalidade encontrarem-se os dois irmãos, em uma noite tenebrosa, debaixo do balcão do objecto que tão enfeitados os trazia, um deles, persuadido que o outro lhe disputava os favores da sua dama, corre cego e inconsiderado sobre ele, e o estende morto a seus pés, vítima de um frenético ciúme. Porém, qual é a sua desesperação, quando pela voz moribunda daquele que julga seu rival, reconhece Ter sido assassino do seu próprio irmão, que muito amava e lhe expira nos braços!

Cheio de desespero, volta contra o peito o ferro fraticida, e a cai morto sobre o cadáver ensanguentado do irmão, preferindo uma morte pronta, a uma vida inconsolável, cheia de remorsos.

O Penedo dos Ovos

Versão de Alfredo Beato (*História de Sintra*)

Eleva-se perto do antigo mosteiro (Penha Longa), um alto monte que serve de pedestal a uma cruz de pedra. É conhecido pelo “Penedo dos Ovos”, que tem também a sua lenda:

Dizia-se, que debaixo dele um tesouro encantado se ocultava, o qual pertenceria a quem pudesse derrubá-lo à força dos ovos. Uma velha daqueles sítios, não perdia de olho o tesouro, e caladamente foi juntando os ovos que pode conseguir, e quando lhe pareceu oportuno, deu começo ao trabalho.

Escusado é dizer que espatifou a provisão, e o penedo ficou uma lástima. Ainda hoje há quem suponha que os musgos que o revestem são amarelados pelas gemas de ovos que a velha arremessou.

Cinco Altos de Nomes Iguais e Apelidos Diferentes

O Senhor, Deus Todo-Poderoso, criava o mundo e preparava-se para moldar e edificar a Serra de Sintra, quando ouviu solicitações dos materiais a empregar naquele cometimento.

Prosseguindo a lenda, o Criador ouviu um a um dos solicitantes e de comum acordo arranjou solução para os pedidos formulados. O Grande Arquitecto, afável e sorridente, docemente reparou em cinco rochas que nada pediram. Inquirindo do seu mutismo, aqueles fraguados solicitaram mudança de nome. Não desejavam ser chamadas rochas, penhascos, ou fraguados.

Serão Penhas!

Ficaram contentíssimas e aproveitando o feliz momento, rogaram do Criador mercê para lhes dar o respectivo apelido.

Segundo a lenda começaram a ser conhecidas pelas nomeações seguintes:

PENHA FERRIM - Firme nos intentos e pertinaz nos cometimentos.

PENHA LONGA - Por ser a maior e ainda serás sede de grande comunidade cristã.

PENHA DA PENA - Fervorosa na devoção a Santa Maria.

PENHA VERDE - Viva e verdejante verás e albergarás leal e santo varão, dos maiores que habitaram estes sítios.

E olhando a mais pequena:

- Tu serás a PENINHA na qual aparecerá a minha Mãe.

E acabou-se a lenda...